

Desse modo, obtemos traduções constantes para uma série de elementos do sonho, ou seja, algo muito parecido com as que encontramos nos livros populares dedicados ao assunto. Os senhores não terão se esquecido de que, em nossa técnica associativa, jamais aparecem substitutos constantes para os elementos do sonho.

De pronto, os senhores dirão que esse caminho interpretativo lhes parece ainda mais incerto e questionável que o anterior, por meio da livre associação. Mas temos ainda algo a acrescentar. De fato, quando, pela experiência, já coletamos tais substituições constantes em número suficiente, acabamos por dizer a nós mesmos que, na verdade, deveríamos ter chegado a tais porções da interpretação do sonho à custa de nosso próprio conhecimento, que elas, na realidade, poderiam ter sido compreendidas sem as associações do sonhador. De onde haveríamos de conhecer seu significado, isso é o que vamos ver na segunda metade de nossa discussão.

Chamamos de *simbólica* tal relação constante entre um elemento do sonho e sua tradução, e ao elemento do sonho em si, um *símbolo* do pensamento onírico inconsciente. Os senhores se lembram de que anteriormente, ao analisar as relações entre elementos do sonho e a coisa “autêntica” por trás deles, distingui três relações desse tipo: a da parte pelo todo, a da alusão e a da ilustração mediante imagens. Anunciei, então, uma quarta, que não nomeei. Esta é, pois, a simbólica, que agora introduzo. A ela se relacionam discussões muito interessantes, que abordarei antes de expor nossas

oníricos em realização de desejo, mas de, não obstante, o afeto incômodo se impor sem ter sofrido alteração nenhuma. Nesses sonhos, o afeto não corresponde absolutamente ao conteúdo, e nossos críticos podem dizer que o sonho tanto não é realização de desejo que mesmo um conteúdo inofensivo pode, nele, ser sentido de forma incômoda. A essa observação irrefletida replicaremos que é justamente nesses sonhos que a tendência à realização do desejo se revela mais nítida, porque isolada. O erro decorre do fato de o desconhecimento das neuroses levar à crença de que conteúdo e afeto guardam relação bastante íntima, o que impede a compreensão de que um conteúdo pode ser alterado sem que se altere a correspondente manifestação do afeto.

A seguir, um segundo fator negligenciado pelo leigo, bem mais importante e de alcance mais profundo. A realização de um desejo deveria certamente resultar em prazer, mas cabe a pergunta: para quem? Naturalmente, para quem tem o desejo. É sabido, no entanto, que o sonhador possui uma relação muito especial com seus desejos: ele os reprova, censura — em suma, não gosta deles. Assim sendo, sua realização não pode lhe proporcionar prazer, mas apenas o contrário disso. A experiência mostra, então, que esse contrário aparece sob a forma da angústia, o que ainda é preciso esclarecer. Em sua relação com os desejos oníricos, portanto, o sonhador só pode ser equiparado a um somatório de duas pessoas ligadas por uma forte comunhão. Em vez de proceder a uma explicação, recorro a um conhecido conto de fada, no qual os senhores encontrarão a mesma

situação. Uma boa fada promete realizar três desejos de um pobre casal, marido e mulher. O casal fica radiante e se propõe escolher com cautela esses três desejos. Mas, levada pelo aroma de salsichas fritas que exala da cabana ao lado, a mulher deseja algumas daquelas mesmas salsichas, que, de pronto, surgem à sua frente. O primeiro desejo foi realizado. O marido, por sua vez, fica bravo e, nesse seu rancor, deseja ver as salsichas penduradas no nariz da esposa, o que também acontece: não há agora quem seja capaz de remover dali as salsichas. Realizou-se o segundo desejo, que, no entanto, é o desejo do homem; para a mulher, a realização desse desejo é bastante desagradável. Os senhores sabem como termina o conto. Como os dois são, no fundo, uma coisa só, marido e mulher, o terceiro desejo só pode ser o de que as salsichas desapareçam do nariz da esposa. Nós poderíamos nos valer desse mesmo conto de fada em vários outros contextos; no presente caso, ele serve para ilustrar a possibilidade de que a realização do desejo de um possa conduzir ao desprazer de outro, caso os dois estejam em desacordo.

Não será difícil agora obtermos uma melhor compreensão dos sonhos de angústia. Faremos uso apenas de mais uma observação para, a seguir, nos decidir por uma hipótese para a qual apontam vários indícios. A observação é a de que os sonhos de angústia exibem muitas vezes um conteúdo que prescinde inteiramente da deformação e, por assim dizer, escapa à censura. O sonho de angústia é muitas vezes a realização desvelada de um desejo; por certo, não de um desejo aceitável,